ANO XI / FEVEREIRO 1953 / N.º 102



Novellae

OLIVARUM

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO ALVES CRISTÓVÃO
Redactores — DOMINGOS LUÍS MORAIS
— MANUEL MARTINS HEITOR
Proprietário e editor — ALEXANDRE VILARINHO DAS NEVES
Administrador — JOÃO RABUGE GUERRA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 25$00

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — Beja — Telef. 268

SUMÁRIO

Cinco anos depois... — F. C. - A. J. 29

A Lei do jejum eucarístico — P.e Isaias da Rosa Pereira 34

P.e Ricardo Lombardi — Rocha Merendeiro 43

A especialização na Acção Católica — José Carlos S. Sousa ... 47

Para a sua Estante 52

«O Barredo» — O Livro do mês — Carlos Galamba 53

Crónica — A. Tavares 55

E. PINTO BASTO & C.ª, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

SEGUROS **CARVÃO**

REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — RUA DO OURO, 166 a 170

Lustres — Lanternas — Placas - Castiçais — Lâmpadas Suspensões
Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSAS

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — Rua das Flores, 69

LISBOA — Praça dos Restauradores, 14





Cinco anos depois...

Para melhor festejarem os cinco anos de vida sacerdotal, gastos na grande seara do apostolado, voltaram aos Olivais, a viver e recordar os seus tempos de seminário. os antigos alunos do curso de Teologia de 1943-1947.

Do que nesses dias se passou, disse-o alguma coisa o cronista, mas o que esses dias representaram para nós, de convívio fraternal com os nossos irmãos mais velhos, não é fácil descrever-se.

Vieram párocos, professores de seminários e escolas secundárias, das três dioceses que têm os Olivais por seu seminário Maior.

Trocaram-se impressões, ouviram-se palavras de entusiasmo e encorajamento.

Na impossibilidade de reproduzirmos na nossa revista, os testemunhos de muitos, damos ao conhecimento dos nossos leitores o que certamente todos gostariam de ouvir — a resposta de cinco anos de experiência sacerdotal que sem ser muito longa, não deixa no entanto de manifestar um conhecimento profundo àcerca da vida, dos homens, e das realidades sobrenaturais.

O facto desta reunião ser no seminário, revivendo a nossa vida de oração e estudo, levou-nos a fazer a primeira pergunta ao P.e...

— Ficou hoje bem salientado o papel capital na vida do padre, da formação dada pelo seminário;

Em que aspecto ela lhe foi mais útil?

— *Em todos. Nalguns o seminário é insubstituível. A formação espiritual e moral, com hábitos de oração, de obediência e de trabalho, e a experiência do sacrifício, só no seminário se poderia adquirir. A única que se poderia receber noutro lado, a formação intelectual, dificilmente seria tão profunda e completa, embora pudesse ser mais agradável.*

— Mas assim formado, e com uma concepção da vida diferente da

vulgar, um padre logo após a sua ordenação, há-de sentir necessàriamente um choque ao entrar no apostolado. Que mais o impressionou?

— *Muitas coisas. De certo que cada um reagirá segundo o seu temperamento mais ou menos sensível, mas nenhum deixará de se impressionar, sobretudo nos primeiros tempos com a maravilha da Graça da ordenação, porque Deus opera prodígios nas almas servindo-se de nós como instrumentos, e dando-nos a consolação de conhecer os seus efeitos....*

— E qual a maior dificuldade do seu meio?

— *A maior? É difícil responder a essa pergunta.... as dificuldades são tantas, que não sabemos qual a maior. Quando estamos encarando uma, tentando resolvê-la, parece essa a maior, mas depois de resolvida, e em luta com outra, torna-se esta a maior....*

— Mas haverá certamente alguma que....

— *Sim, como dificuldade comum a todos os meios que exigem grande actividade, parece-me ser, a de conciliar o recolhimento interior com a acção externa contínua, que quase nos esgota, além de muitas outras igualmente grandes.*

— No contacto pessoal do padre com toda a gente, qual a faceta que lhe parece ser mais sensível aos leigos?

— *Em todos os meios, a caridade evangélica; nos meios pouco disciplinados, e portanto rebeldes, impressiona muito também, a obediência incondicional do padre à Igreja.*

— Estão na ordem do dia as chamadas equipas sacerdotais, que pensa das suas possibilidades?

— *Se por equipa se entende comunidade de padres trabalhando no mesmo campo de apostolado, no nosso meio parece por enquanto irrealizável tal método devido à falta de clero.*

O mesmo espírito porém, que anima as equipas, pode ser adoptado em métodos diferentes, embora aproximados, e por isso mesmo considerados equipas, grupos de párocos de paróquias vizinhas e de características semelhantes, que trabalham em íntima colaboração, com os mesmos métodos e campanhas, para o que reunem frequentes vezes, combinando medidas a seguir, e trocando impreessões sobre resultados obtidos, e dificuldades encontradas.

— Vantagens?

— *Para os padres novos que vivem em regiões muito iguais, com*

problemas comuns, é óptimo este espírito de equipa, sem que todavia deixem de ser párocos independentes.

Nalgumas vigararias do Patriarcado já isso se pratica.

— Ainda uma pergunta para terminar: Que mais o impressionou nestes cinco anos de apostolado?

— *O materialismo da vida moderna. Educados durante anos no seminário, a julgar as coisas com o critério sobrenatural, sofremos um choque no mundo ao verificar que para toda a gente, só conta o valor material das coisas.*

*

* *

Estamos diante do pároco de... meio muito diferente do anterior, onde o trabalho também superabunda, e a Graça de Deus não falta.

Repetimos as perguntas:

— Em que lhe foi mais útil a formação do seminário?

— *Seria talvez menos exacto focar um só aspecto, deixando os outros despercebidos, quando pelo menos dois foram de grande utilidade. Foram eles: a formação moral ascética e mística, e a formação intelectual. A primeira criou-me, embora insuficientemente ainda, por minha culpa, hábitos de renúncia e de dedicação a uma causa sobrenatural.*

Os que acabam a sua primeira formação, isto é, a do seminário, com uma vontade bem adestrada e uma convicção bem arreigada, que se traduzem num amor indefectível a Nosso Senhor Jesus Cristo, centro de toda a nossa vida, esses, estão garantidos.

O outro aspecto, o da formação intelectual, foi duma vantagem insubstituível. Maior ainda nos meios mais cultos. Este aspecto no entanto, sem aquele, ficaria a perder muito.

— Há sempre com certeza um choque com o mundo exterior logo após a ordenação, tanto mais que a preparação espiritual e intelectual é diferente da maioria das pessoas com quem lida...

— *O que mais impressiona um padre acabado de ordenar, ao entrar no apostolado, é o peso das responsabilidades na condução das almas nos negócios mais de ordem material anexos à engrenagem paroquial. É ao mesmo tempo o medo de vir a cair pela sua vida além em algum dos vícios que inutilizariam parcialmente ou totalmente a sua vida sacerdotal, a impureza, a intemperança, e o apego aos bens materiais.*

O novo padre vem cheio de ciência, ainda com os tratados e prin-

cípios fresquinhos, mas quase analfabeto na experiência da condução das almas, na gerência da burocracia, e no conhecimento das emboscadas que a carne, o mundo e o demónio lhe armam.

— A propósito de dificuldades, qual a maior do seu meio?

— *Para responder com mais precisão, direi: a maior dificuldade, «ab intrinseco», é não poder acudir a tudo e a todos num meio onde tanto se poderia fazer.*

— E «ab extrinseco»?

— *Atingir com proveito a classe piscatória, que constitue a quase totalidade da população da vila que é de doze mil almas.*

As condições de trabalho, impostas ao pescador, subtraem-no à nossa influência. Se não fora esta circunstância, e a falta de tempo do pároco, que tem de acudir a muitas outras necessidades, numa vila com três paróquias e um santuário, é certo que «adjuvante Deo» muito mais se esperaria da boa gente do mar. Julgo que no Patriarcado não haverá grupo piscatório tão trabalhável como aquele.

— A propósito da influência do pároco, a que se referiu, qual julga ser, dentro dos vários aspectos da vida do padre, aquele que mais impressiona os leigos?

— *Sem dúvida a caridade, traduzida no trato afável com os paroquianos, e no tolerar, sempre que para o conseguir apenas seja preciso vencer o egoismo e o orgulho.*

Por vezes o apego à observância significa egoismo ou orgulho. Caridade traduzida no desapego dos bens materiais, na solicitude para com os pobres e os doentes.

Nenhuma outra virtude impressiona tanto o povo. A própria virtude da pureza, sem a caridade, se é que tal pode acontecer, é apreciada apenas por aqueles que a sabem apreciar.

— Que nos diz das equipas sacerdotais, dadas como a última palavra da eficiência no apostolado?

Nunca pensei a sério nelas.

Bem vêm vivo isolado, quase numa ilha onde se vem só quando é preciso. Por temperamento gosto do isolamento, trabalho melhor até.

Num exame superficial feito sobre as possibilidades das equipas sacerdotais, parecem-me ser de grande utilidade, para temperamentos acomodáveis; e de pouca eficiência ou nocivas até, para temperamentos amigos de isolamento.

Julgo que para estes, e também para os restantes, seria muito útil

o contacto periódico frequente, com técnicos muito experimentados, prudentes no trato com os colegas, caritativos, humildes, enfim, santos. Podem crer, é uma opinião sincera.

— Não queremos ser indiscretos, mas sempre gostaríamos de saber, o que mais o impressionou durante estes cinco anos de apostolado...

— *Foi o sentir um dia a sensação agradabilíssima de que tinha nas mãos da classe piscatória em peso. Com desgosto tenho verificado, que da simpatia apenas, à vida real, vai uma distância muito grande. É no entanto o princípio da conversão ou de uma vida melhor.*

*
* *

O cunho de sinceridade das palavras que ouvimos, veio confirmar tudo o que foi dito no decurso da reunião: que há um esforço unânime por se viver o sacerdócio, na perfeita compreensão das realidades.

F. C. — A. J.

«O primeiro impulso, de que deve mover-se o espírito sacerdotal, deve ser o de se unir intimamente ao divino Redentor, para aceitar dòcilmente e em toda a sua integridade o divino ensinamento, e para o aplicar em todos os momentos da sua vida, de modo que a fé seja constantemente a luz do seu procedimento e este seja o reflexo da sua fé».

PIO XII
Exortação «Menti Nostrae»

A Lei do Jejum Eucarístico

Sua Santidade o Papa Pio XII, felizmente reinante, acaba de conceder aos católicos de todo o mundo faculdades e dispensas especiais em ordem ao jejum eucarístico, pela Constituição Apostólica «Christus Dominus», de 6 de Janeiro corrente. (1)

O documento constitue uma prova da clarividência do Sumo Pontífice e vem facilitar imenso a vida religiosa dos fiéis e do clero, sobretudo em Dioceses como o Patriarcado de Lisboa.

A presente Constituição Apostólica situa-se na linha dos grandes actos de Pio XII que ficarão na História a assinalar um pontificado glorioso e que ao mesmo tempo afirmam a necessidade de adaptar a disciplina às circunstâncias históricas concretas, mantendo-se inalterável a fé e os princípios. (2)

Damos a seguir uma análise sumária da Constituição e da Instrução que a Sagrada Congregação do Santo Ofício publicou na mesma data por ordem do Sumo Pontífice.

As novas faculdades vêm resumidas em seis normas. As quatro primeiras dizem respeito ao jejum eucarístico e entram imediatamente em vigor (3), a quinta diz respeito à hora da celebração da Missa e as faculdades por elas concedidas dependem do Ordinário do lugar. É ele

---

(1) A. A. S., 16-1-1953; «L'Osservatore Romano», 11-1-1953.

(2) Entre os actos a que nos referimos destacam-se: definição do Dogma da Assunção da SS. Virgem, decreto «Sacramentum Ordinis» sobre a essência da Ordem, Encíclicas «Mediator Dei» e «Mystici Corporis Christi», exortação «Menti Nostrae», restauração da Vigília Pascal, concessão da faculdade de crismar aos párocos em certas circunstâncias, (licença a dois pastores protestantes convertidos para se ordenarem conservando as esposas legítimas).

(3) Isto é, desde o dia 16-1-953.

quem determina a sua aplicação prática e julga da oportunidade ou necessidade de celebrar à tarde, devendo concedê-lo se o bem espiritual dos fiéis o exigir.

A Instrução do Santo Ofício esclarece a aplicação prática das normas e reafirma a sua interpretação estricta, pois trata-se de uma dispensa da lei geral da Igreja nesta matéria.

*

* *

I — OBSERVAÇÕES PRÉVIAS

1 — A Constituição e o Código de Direito Canónico

A lei geral da Igreja (cc. 808 e 858) determina que o sacerdote que houver de celebrar o Santo Sacrifício e o fiel que quiser comungar, devem ter-se abstido de qualquer bebida ou alimento desde a meia noite, a não ser nos casos de perigo de morte ou de doença. Ora a Constituição «Christus Dominus», que é também uma disposição geral, não vem de forma alguma revogar esta lei do jejum, antes a confirma «quoad substantiam». O Papa declara expressamente que a confirma em todo o seu vigor, (1) embora, atendendo às circunstâncias actuais, conceda certas dispensas para a mitigação do jejum eucarístico.

No entanto a presente lei acrescenta uma nova disposição ao direito comum: a água natural não quebra o jejum. Isto para o futuro é uma lei geral.

É intenção, pois, do Santo Padre que os fiéis que podem observar a lei geral da Igreja (cc. 808 e 858, com a nova disposição de que a água natural não quebra o jejum) continuem religiosamente a observá-la. As facilidades concedidas são, portanto, para aqueles que têm um motivo razoável para as utilizar.

2 — Interpretação da Constituição

Sendo ela uma dispensa do jejum eucarístico, em casos determinados, tem de ser interpretada estrictamente, segundo as regras do direito.

---

(1) Velle tamen per Apostolicas has Litteras summam hujus legis consuetudinisque vim confirmare ad Eucharisticum quod attinet jejunium; ac velle etiam eos admonere, qui eidem lege obtemperare queant, ut id facere pergant diligenter, ita quidem *ut ii solummodo, qui in necessitate versentur,* hisce concessionibus frui possint secundum ejusdem necessitatis rationes».

O próprio texto do documento o afirma, bem como a Instrução do Santo Ofício. Portanto a analogia não vale neste caso.

3 — A Constituição e os privilégios e faculdades ou costumes anteriores

Tanto os costumes anteriores contrários ao presente documento, como os privilégios e faculdades concedidas anteriormente ficam abolidos de tal forma que, doravante, a disciplina será a mesma em todo o mundo. O fim precisamente que tem em vista o Santo Padre é a uniformização da disciplina.

4 — Data da entrada em vigor

As normas publicadas na Constituição «Christus Dominus» entraram em vigor no dia 16 de Janeiro corrente, data da publicação da mesma nas «Acta Apostolicae Sedis», segundo declaração expressa do legislador. Não se lhe aplica, pois, o cânon 9, acerca da vacância da lei.

II — ALGUMAS NOTAS PARA A INTERPRETAÇÃO DA NOVA LEI

A — Jejum Eucarístico

NORMA I

A lei do jejum eucarístico continua a obrigar todos os fiéis e sacerdotes, desde a meia noite a não ser que se encontrem nas condições a seguir expostas. No entanto fica estabelecido como norma geral que a *água natural não quebra o jejum,* nem para os sacerdotes, nem para os fiéis.

Por água natural entende-se: a água do mar, dos rios e das fontes, mesmo minerais, desde que não contenha qualquer mistura. Não importa o estado físico em que se encontre e por isso o gelo e a neve não quebram o jejum (1)

Poder-se-á, portanto, daqui por diante beber água natural mesmo momentos antes da Missa ou Comunhão, sem qualquer restrição.

---

(1) O chá, o café ou qualquer infusão não são água natural e por isso quebram o jejum.

NORMA II

Os doentes, sacerdotes ou fiéis, mesmo que não estejam de cama e possam ir à igreja, (1) podem tomar alguma coisa líquida como alimento antes da comunhão ou da celebração, exceptuando o álcool, se, sem quebrar o jejum, sofreriam grave incómodo para comungar ou celebrar. Nas mesmas condições podem tomar um medicamento de que tenham verdadeira necessidade, mesmo sólido (pastilhas, hóstias, etc.), desde que não seja álcool.

Por medicamento entende-se aquilo que foi receitado pelo médico ou é tido vulgarmente por remédio, mas não entra nesta categoria um sólido tomado como fortificante.

Para usar desta dispensa não se requer qualquer espaço de tempo antes da celebração ou da comunhão.

Não se poderá, porém, o fiel ou o sacerdote, ter por dispensado sem consultar o confessor. Este conselho do confessor é *obrigatório,* mas pode ser dado uma vez por todas enquanto durar a necessidade. O confessor pode dar o seu parecer quer no foro interno sacramental, quer no foro externo extra sacramental.

Confessor é o sacerdote, aprovado para ouvir cnfissões, e que «hic et nunc» poderia absolver o fiel que lhe pede a sua opinião sobre este assunto.

NORMA III

Os sacerdotes poderão tomar algum alimento líquido, exceptuando o álcool, antes da Missa, nos seguintes casos:

a) — *se celebram a uma hora tardia, isto é, depois das 9 horas, segundo declara o Santo Ofício; (2)*

b) — *se celebram depois de terem suportado «grave» trabalho no ministério das almas; o que pode acontecer se começaram a trabalhar muito cedo ou se ele durou longo tempo;*

c) — *se têm de fazer um longo percurso antes de celebrar; por*

---

(1) Afirmamos «e possam ir à igreja» pois a dispensa é concedida aos sacerdotes doentes que queiram celebrar. De resto acontece que alguém, estando realmente doente podendo ir à Missa, necessita de tomar qualquer alimento ou medicamento antes da comunhão ou da Missa.

(2) No nosso entender estas Missas tardias hão-de ser as Missas que se celebram para utilidade dos fiéis e não do sacerdote como parece óbvio. De resto a lei é de estricta interpretação.

longo percurso entende-se 2 Km. a pé ou, utilizando um meio de condução, um percurso proporcionadamente mais longo, como fadiga segundo o veículo e as dificuldades do caminho ou condição da pessoa (doente, fraco, velho, etc.);

d) — *se tomarem o referido alimento líquido até uma hora antes da Missa (portanto exige-se sempre uma hora de jejum absoluto).*

O referido alimento líquido poderá tomar-se uma ou repetidas vezes, nada obsta.

Pensamos que os sacerdotes do Patriarcado que, aos Domingos e dias santificados, trabalham no ministério das almas (e, em geral, binam ou trinam) têm motivo para se terem por dispensados, pois estão incluidos num ou noutro dos três casos.

Os casos enumerados nas alíneas a), b) e c) são taxativos, por expressa declaração do legislador; não se podem inventar outros. (1)

NORMA IV

O sacerdote que binar ou trinar pode tomar as abluções, mas deve fazê-las só com água (a água já não quebra o jejum). Se, *por inadvertência,* fizer as abluções com vinho, pode celebrar as outras Missas. Assim o declara, razoàvelmente, o legislador para evitar quaisquer escrúpulos ou perplexidades.

NORMA V

Os fiéis mesmo de saúde que de forma nenhuma podem ir à comunhão em jejum sem grave incómodo, poderão tomar algum alimento líquido, exceptuado o álcool, nas seguintes condições:

a) — O grave incómodo que devem sofrer dá-se *exclusivamente* nos três casos: (2)

1 — *se estão sujeitos a um trabalho debilitante antes da hora da comunhão; a Instrução do Santo Ofício dá-nos os seguintes exemplos destes trabalhos: os empregados de*

(1) Deve notar-se que para utilizar esta dispensa não se requer o conselho do confessor, ao passo que o sacerdote doente que quiser usar da faculdade constante da Norma II tem de pedir o parecer do confessor.

(2) Esta enumeração é taxativa.

portos, caminhos de ferro, serviços de utilidade pública que servem por turnos de dia e de noite; quem tiver de fazer um serviço noturno de vigilância, quer seja por ofício, como as enfermeiras, os guardas-nocturnos, etc.; as mulheres grávidas e as mães de família que antes de poderem ir à igreja têm de se ocupar longo tempo nos seus serviços domésticos;

2 — *se só muito tarde podem dispor de tempo para ir à comunhão; os exemplos do Santo Ofício são: se o sacerdote que há-de administrar a comunhão só pode ir tardiamente; os estudantes que não poderiam comungar por não terem tempo de voltar a casa tomar a refeição da manhã antes das aulas;*

3 — *se, para comungar, têm de fazer um longo percurso para ir até à igreja; o percurso avalia-se como para o sacerdote (vide Norma III);*

b) — O alimento deve tomar-se ao menos uma hora antes da comunhão;

c) — depois de consultar o confessor.

Quem aprecia as causas para o fiel se ter por dispensado é o confessor, o qual deve atender às três causas da alinea a) e às circunstâncias do penitente. Sem ser demasiado rigoroso, deve manter uma certa firmeza se os motivos alegados são pouco fortes.

Já atrás dissemos quem se deve entender por confessor. Aqui, igualmente, basta pedir o conselho do confessor uma vez por todas, enquanto essa situação se mantiver.

Sem o conselho do confessor é *absolutamente proíbido* ir à comunhão sem estar em jejum, como se declara expressamente na Instrução do Santo Ofício, portanto os fiéis têm de ser bem esclarecidos a este respeito.

Deve notar-se *que não é o confessor quem dispensa,* mas a lei; o confessor avalia prudentemente se existe motivo justo para a dispensa.

B — Faculdade de celebrar à tarde

NORMA VI

Os Ordinários do lugar *podem conceder licença* para celebrar à

tarde, se julgarem que isso é necessário e útil ao bem espiritual dos fiéis. (1)

A Missa não poderá começar antes das 4 horas da tarde. O tempo para este efeito, conta-se de harmonia com o disposto no c. 33, isto é, o celebrante deve guiar-se pela hora que é comum no lugar onde celebra. Como estas Missas nunca são privadas, pois o Ordinário só as pode permitir em razão duma necessidade real dos fiéis, o celebrante não poderá fazer a escolha a que se refere a segunda parte do citado canon. (2)

Os dias em que o Ordinário do lugar pode permitir a celebração da Missa à tarde são exclusivamente os seguintes:

1 — Festas de preceito em vigor (c. 1247, § 1)

a) — *Todos os Domingos do ano*
b) — *Natal, 25 de Dezembro*
c) — *Circuncisão, 1 de Janeiro*
d) — *Corpo de Deus*
e) — *Imaculada Conceição, 8 de Dezembro*
f) — *Assunção de Nossa Senhora, 15 de Agosto*
g) — *Todos os Santos, 1 de Novembro*

2 — Festas suprimidas ùltimamente em Portugal (c. 1247, § 1)

a) — *Epifania, 6 de Janeiro*
b) — *Ascenção de Nosso Senhor*
c) — *S. José, 19 de Março*
d) — *S. Pedro e S. Paulo, 29 de Junho*

3 — Festas suprimidas para toda a Igreja (3)

a) — *Segunda e Terça-feira depois das festas da Páscoa e do Pentecostes*
b) — *Invenção da Santa Cruz, 3 de Maio*

---

(1) Vd. Canon 198.

(2) Pràticamente seguirá a hora dos relógios públicos; mas, se em alguma aldeia (como acontece ainda nos Açores) o povo seguir a hora habitual do inverno, mesmo no verão, o celebrante terá de conformar-se com essa hora.

(3) São festas nas quais o pároco tem obrigação de celebrar «pro populo» e vêm enumeradas no Índice elaborado pela S. Congregação do Concílio em 28-12-1919 (A. A. S., vol. XII, 1920, pg. 42-43).

c) — *Purificação de Nossa Senhora, 2 de Fevereiro*
d) — *Anunciação de Nossa Senhora, 25 de Março*
e) — *Natividade de Nossa Senhora, 8 de Setembro*
f) — *Dedicação de S. Miguel Arcanjo, 29 de Setembro*
g) — *Nascimento de S. João Baptista, 24 de Junho*
h) — *Festas dos Apóstolos: S.to André, 30 de Novembro; S. Tiago, 25 de Julho; S. João, 27 de Dezembro; S. Tomé 21 de Dezembro; S. Filipe e S. Tiago, 1 de Maio; S. Bartolomeu, 24 de Agosto; S. Mateus, 21 de Setembro; S. Simão e S. Judas, 28 de Outubro; S. Matias, 24 de Fevereiro*
i) — *Santo Estêvão, protomártir, 26 de Dezembro*
j) — *Santos Inocentes, 28 de Dezembro*
l) — *S. Lourenço, mártir, 10 de Agosto*
m) — *S. Silvestre, Papa, 31 de Dezembro*
n) — *Santa Ana, 26 de Julho*
o) — *Santo Patrono da Nação*
p) — *Santo Patrono do lugar*

4 — Na primeira sexta-feira de cada mês;
5 — Nas festas solenes que se realizam com grande concurso de povo, como são congresos, peregrinações, etc.;
6 — Uma vez por semana, além dos dias anteriormente mencionados, se «o bem de uma classe especial de pessoas o exigir».

Os Ordinários ao conceder esta faculdade devem ter em vista só o bem comum. A Instrução do Santo Ofício dá os seguintes exemplos: para certos trabalhadores que trabalham por turnos e que só à tarde poderão ir à igreja; para certas pessoas que estão ocupadas na manhã dos dias festivos; para as pessoas que vêm de longe em grande número para uma festa religiosa ou cívica, etc..

O sacerdote que houver de celebrar esta Missa e os fiéis que quiserem comungar, têm de observar o jejum encarístico do seguinte modo:

a) — Podem comer alimentos sólidos e beber bebidas alcoólicas moderadamente segundo o costume (vinho, cerveja, etc.), *exceptuados os licores,* até 3 horas antes da Missa;
b) — Podem beber qualquer líquido *não alcoólico* até uma hora antes da Missa ou comunhão.

Os sacerdotes não podem celebrar de manhã e à tarde, a não

ser nos dias em que binam ou trinam, (1) nem os fiéis podem comungar duas vezes no mesmo dia (de meia noite a meia noite só se permite uma comunhão).

Todos os fiéis podem comungar a estas Missas e cumprir o preceito, mesmo que não pertençam à categoria das pessoas que foram causa da permissão do Ordinário.

A comunhão pode distribuir-se «infra dictam Missam» (o que é o normal) ou «proxime ante et statim post» (num caso excepcional), desde que os fiéis tenham observado as normas do jejum atrás expostas. Daqui não pode concluir-se que doravante se poderá distribuir a comunhão fora da Missa depois das 4 horas da tarde; a comunhão à tarde está em relação próxima com a Missa que vai celebrar-se ou que acabou de celebrar-se e o melhor será habituarem-se os fiéis a só comungarem à Missa, salvo, evidentemente, um motivo razoável.

Compete aos Ordinários ditar normas certas de sorte que a disciplina seja observada de maneira uniforme, impedindo qualquer abuso.

*

* *

Estas faculdades vêm abrir largas possibilidades ao apostolado. Facilitam aos párocos encarregados de várias paróquias o trabalho em certos dias, como as primeiras sextas-feiras, permitem fazer participar grande número de fiéis em cerimónias de grande significado, como as de quinta-feira santa ou sexta-feira santa; tornam possível a santificação de certas festas suprimidas ao menos pela participação na Santa Missa, como a Epifania ou a Ascenção, etc..

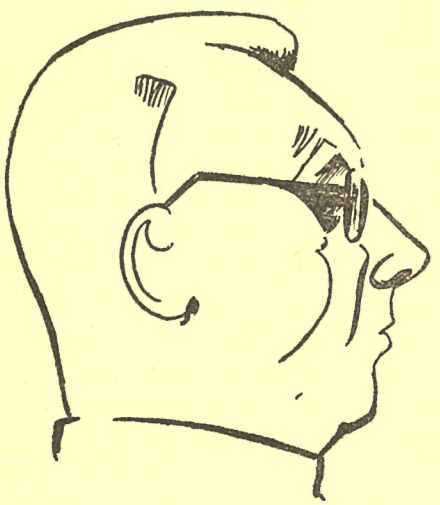
O Santo Padre exorta os fiéis que usarem destas dispensas a compensarem com alguma obra pia, facto que tem de ser recomendado aos cristãos que vêm junto do sacerdote pedir conselho.

P.e ISAÍAS DA ROSA PEREIRA

---

(1) Isto é, nenhum sacerdote poderá dizer mais Missas em virtude desta «Constituição»; se bina, dirá uma de manhã e outra à tarde, etc..

Grandes Figuras do Catolicismo



O APÓSTOLO DAS MULTIDÕES P.e RICARDO LOMBARDI

Conta-se de Luís XIV, que certo dia perguntou a Boileau por que razão a cidade de Paris era atraída a ouvir os sermões tão simples dum pobre padre.

« Sire, respondeu o malicioso poeta, o padre prega o Evangelho, e esta boa cidade de Paris sempre gostou de novidades ».

Hoje, ao repararmos no entusiasmo fremente de imensas multidões ao ouvirem a voz dum simples pregador italiano, pode-se-nos formular a mesma pergunta. Quem é este, que, na Humanidade saturada de ideologias, cansada de ilusões, tornada hipocondrìacamente apática, consegue trazer a si os homens em massa, e levá-los, depois, a Cristo e à Sua Igreja?!

*

* *

Nasceu o P.e Ricardo Lombardi S. J., em Nápoles a 20 de Março de 1908. Passando a maior parte da vida em Roma, aí se doutorou em Filosofia. «Se existiu o problema crítico para S. Tomás», tal foi o tema da tese doutoral, onde os examinadores, Gentile e Calogero, lhe deram a mais distinta classificação, embora de doutrinas opostas à do examinando. Nesta altura, afirmou Calogero: «Este chegará a ser o martelo dos herejes».

Mais tarde, doutor em Teologia na Universidade Gregoriana, escritor da revista romana «Cilvitá Cattolica», conferencista nas universidades italianas, por fim, em 1945, surge o P.e Lombardi de hoje.

Bandeirante do Evangelho através dos destroços sertanejos da ci-

vilização moderna, novo Paulo de Cristo a percorrer o mundo, os homens afluem a ele por um impuslo irresistível. Depois de correr mais uma vez a Itália inteira, falando a todos e em toda a parte, a governantes e a comunistas, a ricos e a desgraçados, a eclesiásticos e a ateus, em praças e igrejas, em teatros e estádios, — e com tal poder que a sua voz foi tida como responsável da derrota do comunismo na Itália — , a sua Cruzada da Bondade espraiou-se a todo o mundo.

Falou às massas na Austrália, em 35 cidades da Alemanha, em Paris, na Holanda, na Bélgica, na Suíça, nos Estados Unidos e ùltimamente em toda a América latina. Na Colômbia falou em plena Câmara dos Deputados a todo o Governo; no Brasil, Argentina, Paraguay, Chile, Equador, Perú, Panamá, México, Cuba e na Venezuela entusiasmou vivamente multidões sem conta. Ele o confessou, ao despedir-se da América, em Caracas: «Talvez ninguém na História do mundo falou em tantas nações como eu. Deus assim o quis. Conheço muito o mundo, e sei a reacção da humanidade às ideias, porque preguei em tantas praças como talvez ninguém na História».

O P.e Lombardi não é, pelo menos em primeiro lugar, nem um pensador original nem um eloquente orador. De certo tem muitas capacidades, mas não se devem a elas o êxito, pois muitos pregadores o igualam ou ultrapassam e o efeito é muito mais limitado.

Acima de tudo ele é um «Homem de Deus», — Homo Dei, disse-se na Alemanha, «Microfone de Deus» repete-se ainda hoje. Ele próprio crê ter uma missão divina. «Jesus quer que vos diga isto», clama com grande insistência aos padres, e no decorrer das pregações salta-lhe a expressão: «Então Jesus me diz...» Mais uma vez a angústia dele se apoderou. Refugiando-se aos pés do Santo Padre, pedia para saber se a sua missão vinha de Deus. O Papa encorajava-o e ele aquiescia. «Talvez dez vezes me tenha dito: Isto, sem Deus, é impossível».

O sentimento humilde de ser apenas instrumento de que o Senhor serve para falar aos homens, tem-no declarado, e os homens o têm sentido. «...Vós deveis então ter a certeza de que nada disto vem do homem», dissera certo dia à imprensa e semelhantemente aos seus colegas em Berlim. «Quem teve a dita incomparável de o ouvir, e muitas vezes, não pode deixar de confessar que naquele homem há um não sei quê que nos outros não se encontra. Que é? Ele próprio o confessou à revista «Time» dos E. U.: — «A minha força não a encontro nos livros, nos raciocínios, ou mesmo nos sentimentos. A minha força é só

a oração. Eu sinto a presença de Jesus. Não consigo explicá-lo, porque é alguma coisa de sobrenatural, e não encontro palavras para isso».

Tem dito por isso aos padres quanto eles podem desiludir aqueles que procuram Jesus. Ansiando por alguém em que viva Cristo, quantas vezes não encontram com angústia senão homens como os outros!

Todavia a pregação do P.e Lombardi, no seu conteúdo, não é nada de novo. É a mensagem de Cristo, a Boa Nova de há vinte séculos. O Evangelho tem para os problemas da vida, para as crises de cada época, uma solução suficiente e única. A História Moderna não exaltou o homem como titânicamente pretendia. Querendo, num arrojo diabólico, fazer dele um deus, tornou-o um simples homem, mais, bestializou-o, pois o homem sem Deus é uma fera dilatada. Os destroços, depois, amontoam-se, a vida leva-se como fardo exasperante, e ele mesmo não pode suportar-se mais.

A aparição deste simples jesuíta, ontem ignorado, hoje procurado e tão estimado (é recordar as últimas manifestações da América latina), responde providencialmente à disponibilidade de tantos homens para receberem a Boa Nova, anunciada de maneira crível.

E o mundo não conhece a Cristo. Poderá conhecê-lo como extraordinário, mas mero personagem da História. Urge mostrá-Lo como Ele foi e será sempre: Filho de Deus e único Salvador dos homens.

«O Mundo tem necessidade de Jesus, e hoje de modo particular; ele não pode resolver os seus problemas mesmo materiais, sem a assistência do Homem-Deus», disse. O P.e Lombardi ensina uma só palavra: «Jesus». Por ela, tudo vem por acréscimo. Quando os seus amigos de Munich, no momento de partir, insistem para que volte, muito tranquilo respondeu: — «Mas eu deixo-vos Jesus». Eis a sua missão, e todo o seu êxito: espalhar Jesus pelo mundo.

Hoje, talvez mais do que nunca, o homem sente, pelo seu humanismo tão antropocêntrico, a «insaciável necessidade de amar e ser amado», e o P.e Lombardi é um pregador que ama os homens, e a sua pregação é uma Cruzada da Bondade, — Crociata della Bonta. Uma vez, ao ser esperado pelos jornalistas, exclamou: «Os homens têm necessidade de serem amados. Agora eu não penso na imprensa; eu penso nas vossas almas».

«Nunca vi um homem tão deliciosamente amável, alegre e natural, escreveu o P. Hillig, depois de o ouvir em Munich. O seu impulso de

simpatia, confere a tudo o que diz uma graça indescritível, bem como um carácter de doce violência. Ao ouvi-lo, durante muito tempo, duvida-se da eficácia das suas palavras, mas, de repente, produz-se a mudança... Os homens sentem quanto a bondade é coisa bela e para desejar, e se estende ao seu alcance. E graças a ela, todas as outras coisas tomam outro aspecto!» E os efeitos seguem-se. «Eu estou profundamente tocado pela vossa grande bondade de coração, escrevia-lhe uma berlinesa. Uma força muito secreta se exala de vós, e sente-se desde o primeiro olhar, que um santo padre nos fala».

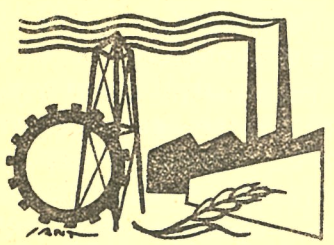
Deste modo, por entre os escombros da civilização moderna, espalha a Luz inextinguível, como outrora foi espalhada pelos Apóstolos.

Seu programa, através da pregação do Evangelho integral na sua audácia e exigências revolucionárias, quer marcar um ponto de partida para uma era nova na História. «Começa uma terceira História, nós a anunciamos, nós a pregamos... É a nova criação. Antes, podia-se contemplar com Dante a Deus imenso e na sombra de Deus um mundo pequeno. Depois considerou-se ao homem como centro do mundo. No esquema de Hegel, eu diria: Depois de uma tese, depois duma antítese, deve fazer-se uma síntese. Temos necessidade de integrar o homem com Deus, necessitamos de um Deus que se acerque do homem. E esse Deus próximo do homem, esse Homem divinizado, esse Homem-Deus chama-se Jesus. Eu creio que a nossa História deve ser a História de Jesus. Hoje necessitamos desta integração no divino (como nunca na História...) Queremos homens felizes e serenos porque sabem que são filhos de Deus. Porque a terra deve dar suas flores com a luz celestial. Porque a vida deve ser alegre com a esperança da eternidade. Porque a justiça social se deve realizar à luz de uma família eterna que nunca acabará, reconhecendo-se os homens filhos de um único Pai, Deus. Meus irmãos, jovens amigos, — disse ele na sua mensagem à juventude venezueleana — , este é o porvir do mundo, este é o anúncio que levo pelo mundo».

É assim, nesta missão de apóstolo, sem bordão e sem bornal, sem outra força senão o amor divino, ateando-se nele como o fogo nas brasas dum turíbulo, que o P.e Lombardi jornadeia pelo mundo, conquistando as almas, abrasando os corações com o mesmo fogo que o consome, e isto com tal simplicidade e unção tão cativante, que as multidões ao escutá-lo, ainda não souberam defender-se. É que pelas palavras do apóstolo do Mestre, fala o próprio Mestre.

ROCHA MERENDEIRO

A especialização na Acção Católica



De tal maneira as ideias e os acontecimentos evoluiram, que o mundo nos nossos dias se dividiu em dois campos distintos: o espiritual e o temporal. Este atingiu a sua maioridade e saíu da dependência em que a Igreja, por circunstâncias que a história explica e justifica, o manteve durante séculos. Não nos importa aqui saber se tal emancipação foi ou não justa, se foi ou não razoável. Mas o que nos interessa é o facto da separação e as cricunstâncias em que esta se deu. Com a libertação, o temporal afastou-se das regras que recebera do espiritual e tentou fazer para si novas leis à margem das verdades fundamentais que deviam reger a humanidade.

É incontestável que o mundo de hoje não aceita a intromissão da Igreja nas questões de ordem puramente temporal. Os homens do nosso tempo, se aceitam a Igreja, não a querem fora das atribuições meramente espirituais. Mas a vida do homem para ser perfeita, tem de ser impregnada de espírito sobrenatural, e este só a Igreja o possue.

Trata-se portanto de resolver o duplo problema: manter a autonomia do poder temporal no que lhe diz respeito e por outro lado infuenciar nele, criar nele o espírito cristão, numa palavra, levar Deus a todos os meios.

A solução foi já encontrada; só um agente do meio temporal, impregnado de espírito cristão, conseguirá ter influência e aos poucos mudar o ambiente em que vive o mundo. E foi assim que da necessidade de impregnar o mundo de espírito sobrenatural nasceu a Acção Católica. Mas é preciso entrar em todo o mundo, nas mais variadíssimas formas e actividades; é preciso que em cada meio de trabalho, em cada centro de divertimentos, em cada aspecto da vida se respire o ambiente

Daqui se vê como não interessa apenas manter bons os que ainda não se perderam, nem tão pouco tirá-los dos meios em que vivem. O

trabalho da Acção Católica é conquistar e por isso actuar na maneira de pensar e de agir dos homens.

MEIOS AMBIENTES

Se interrogássemos alguns membros dos mais variados meios sobre as causas da sua descrença teríamos de concluir que se não têm fé, foi porque o meio lha levou, foi porque entraram numa ordem de valores onde ela não só não aparece como ainda é combatida.

É o meio que à saída da vida recebe o jovem e destrói nele a acção da escola e até da família. É o meio que passa a determinar a maneira de pensar dos indivíduos. Por isso com razão diz alguém que «as pessoas pensam habitualmente por procuração»; isto é, são as ideias que andam no ar é que se aceitam como axiomas, só porque são do meio ambiente.

Quando os homens se encontram com os mesmos problemas económicos, materiais, intelectuais, morais, as mesmas preocupações, o mesmo modo de vida, numa palavra, quando vivem no mesmo ambiente, ganham também os mesmos hábitos do meio, a mesma maneira de encarar os problemas, criam uma certa solidariedade, vivem portanto a vida do meio ambiente. Só modificando o meio se conseguirá que os indivíduos ganhem outra mentalidade que não deixará de ser a mentalidade do meio.

Qual a razão por que tantos jovens nas nossas aldeias levam uma vida cristã, e chegados aos grandes centros abandonam todas as práticas religiosas? Porque mudou o ambiente. Bastará então formar cristãos independentemente ou fora do seu meio de vida? «A redenção do ambiente é um dever de caridade cristã, dizemos mesmo, um dos deveres mais sublimes e também dos mais actuais».

Num meio onde toda a gente vai à Missa, é-se cristão sem sonhar que é possível fazer de outra maneira, assim como num meio de mentalidade socialista há um ambiente de luta de classes sem mesmo se saber que existiu Carlos Marx.

*

* *

Para avaliar a influência do meio, é necessário atender a vários factores: *ambiente doutrinal* — poucas são as pessoas que conseguem saír das ideias que correm no seu meio. *Ambiente sentimental* — quem

desconhece o poder dos amores ou ódios colectivos; o poder da honra, da fama, do orgulho, do desejo, não só dos indivíduos, mas das sociedades? Os indivíduos, sem o saberem, são arrastados pelos afectos, pelas esperanças, pelas inimizades e interesses do seu meio. *Ambiente jurídico* — das ideias correntes, das necessidades comuns, nascem as leis.

Para avaliar ainda o poder do ambiente sobre os indivíduos, basta verificar um pouco: quantas pessoas não há que ouvindo pregações e até recebendo sacramentos na Igreja, não levam depois uma vida conforme ao que aí aprenderam? Porque nos seus meios ambientes aquelas verdades não se vivem. Donde se vê que a contrabalançar com as verdades pregadas e ensinadas na Igreja, existe um ambiente filosófico, sentimental e jurídico, que abarca em domínios vitais, e durante a maior parte do tempo, a grande maioria dos baptizados. «Uma vez que, dizem os Papas, a acção dos sacramentos e a pregação é aniquilada brutalmente pela atmosfera de que estais impregnados, e visto que a Providência de Deus não costuma impor heroísmos em conjunto, agrupai-vos para levar o Cristo aos meios que O esqueceram ou negam».

NECESSIDADE DE ESPECIALIZAÇÃO

Na «Quadragesimo anno» o Papa, sob o título «método a seguir» diz claramente qual o meio que ele julga único para se opor a este estado de coisas em que se encontra o mundo: «é preciso antes de tudo, recrutar e reformar no seio mesmo das diversas classes de homens, auxiliares da Igreja, que compreendam a sua mentalidade, as suas aspirações, saibam falar-lhes ao coração num espírito de caridade fraterna». E logo a seguir vem a clássica afirmação do Papa: «os primeiros apóstolos, os apóstolos imediatos dos operários, serão operários, os apóstolos do mundo industrial e comercial serão industriais e comerciais». Esta mesma forma foi várias vezes repetida e completada pelo Papa. Fazendo o paralelo, «padres indígenas para os indígenas», Pio XI acrescentava: «operários, apóstolos dos operários; agricultores, apóstolos dos agricultores; marinheiros, apóstolos dos marinheiros; estudantes, apóstolos dos universitários». Falando às senhoras da União Internacional das Mulheres Católicas, insiste nas mesmas ideias e termina dizendo: «e isto é um ponto vital de toda a Acção Católica».

Assim se passam as coisas no campo ideológico, mas podemos descer à prática e observar. Tomemos a JOC para exemplo: «uma edu-

cação em plena vida (na prática), uma educação em pleno meio, (uma pedagogia social), numa palavra, uma educação exactamente adoptada, ajustada, apropriada, feita não no ar, no vácuo, no abstracto, mas por medida, tal é em resumo toda a JOC». (1)

Uma palavra ressalta, portanto, desta forma perfeita de Acção Católica — *contacto com o meio, formação que tem por fim a influência no meio.*

*

* *

A grande descoberta de Cardijn afinal não foi outra senão esta: a criança que sai da escola primária, ainda não está formada, e é deformada pelo meio no qual vai entrar, onde se vai desenrolar a transformação que fará desta criança um adolescente e depois um homem. É preciso portanto continuar a formá-la depois da escola, mas é preciso formá-la no seio duma organização do próprio meio, visto que é o meio que a deforma, e que, sem uma organização desse meio, ela não terá a formação possível para fugir às influências do meio. Donde se vê que se trata duma formação na Acção Católica, e não duma formação em geral. Este aspecto que tem sido muitas vezes negligenciado é duma importância capital. *Formar na Acção Católica é mostrar aos jovens e aos adultos o que há de cristão na ambiência de toda a sua vida, seja nas ideias, seja nas instituições, e depois estudar as causas das apostasias individuais e ensinar a converter e a reconduzir a Cristo esses baptizados.*

Daqui se compreende como tem necessàriamente de ser diferente a formação dum jovem da Acção Católica e doutro cuja vida se passa num convento; e daqui se conclue ainda que conforme os diferentes meios assim terá de ser diferente a formação na Acção Católica, e portanto a necessidade de especializar a Acção Católica.

«Precisar o fim é determinar os meios, aqui como em toda a parte». (2) Ora o fim que nos propomos é levar Cristo a toda a parte, ou por outra forma, fazer de cada indivíduo um cristão, sem o tirar do seu meio que varia com a profissão, a cultura, a raça, a educação, etc.. Assim se vê como variando os meios têm de ser diferentes as pessoas a quem se entrega a missão apostólica.

---

(1) L'Action Catholique spèciallisée — Bayard

(2) Mission du Clergé — G. Thils

«Dando este mandato à Acção Católica, a Hierarquia designa um campo de acção a este movimento, e é tudo. No interior destes meios a conquistar, o movimento é responsável e é a ele que pertence descobrir todos os meios de fazer a evangelização deste meio». (1) Conclue-se, portanto, que é todo o espiritual que este tão simples método da Acção Católica especializada promete reintegrar em todas as ramificações e em todas as profundezas da vida individual, familiar, profissional, social.

É de Cardijn a afirmação: «nenhum regime, nenhuma legislação meramente económica pode salvar uma classe da sociedade sem um plano de mudança dos homens e dos costumes». Ora a Igreja dá-nos o que Maritain chama o meio «pràticamente prático» para realizar esta mudança dos homens e dos costumes: A Acção Católica, e melhor ainda, a Acção Católica especializada. «Ninguém ignora, diz Pio XI, que valor tem para nós a Acção Católica e como ela é oportuna e corresponde às necessidades da nossa época».

Mas a Acção Católica especializada, além de resultar da necessidade de levar Cristo aos mais variados meios, corresponde ainda a uma necessidade psicológica de agrupamento das pessoas com mentalidade idêntica. Diz Tiberghien: «cada um tem a sua maneira de ir a Deus; a sua maneira de ir a Deus é a sua espiritualidade. Os cristãos que têm uma mesma espiritualidade tendem a aproximar-se uns dos outros numa mesma instituição em que eles formem um corpo».

*
* *

Podemos concluir com as palavras de Desbuquois: A Acção Católica especializada é cada um dos «movimentos fortemente organizados, de evangelização, de penetração, de conquista; movimentos missionários, exercidos num meio determinado por leigos que nele vivem, agindo sobre ele e, por ele, na sociedade, na civilização descristianizada, que querem restituir a Cristo; movimentos tão inseparáveis do meio em que evoluem, tão indissolùvelmente ligados a ele, que em suma, o movimento especializado é o próprio meio, na medida em que ele é impulsionado pelos seus militantes e o seu escol; o movimento especializado é ainda

(1) Para realizar a Acção Católica — Lelotte

a massa em movimento real, posto que imperceptível, sob a acção do fermento, o militante. A acção deste é verdadeiramente o apostolado especializado, enquanto se exerce híc et nunc sobre o meio; a oração, a palavra, o gesto do semeador, o trabalho de organização, as mil invenções do zelo, tudo isto só é jàcista, jècista, jócista na proporção em que visar e atingir o meio, operando nele uma transformação mesmo aparentemente infinitesimal».

JOSÉ CARLOS S. SOUSA

PARA A SUA ESTANTE ...

Obras sobre a Acção Católica:

E. GUERRY — «*L'Action Catholique*» — Paris, 1936. (Obra clássica em que o A., comentando textos de Pio XI, analiza o conceito de A. C. em si mesma e nas suas relações).

P. DABIN — «*La Acción Católica, ensaio de sínteses*» e «*El Apostolado seglar y la Acción Católica*» — Barcelona. (Duas traduções do francês de duas obras igualmente clássicas há muito esgotadas).

L. CIVARDI — «*Manual de Acção Católica*» — Braga, 1935. (Tradução da obra italiana que já vai na 11.ª edição (1945) e está traduzida em 14 línguas. O tomo II, relativo à Prática, analiza a A. C. Portuguesa segundo as Bases de 1933).

Z. VIZCARRA — «*Curso de Acción Católica*» — Madrid, 1947. (Um dos mais modernos e completos tratados sobre A. C.. O seu autor, Bispo Auxiliar de Madrid e Assistente Geral da A. C. Espanhola é uma das maiores autoridades sobre o assunto).

F. LELOTTE — «*Para realizar a Acção Católica*» — Lisboa, S. E. T., 1949. (Pequeno tratado muito claro na exposição e de útil leitura).

A. AMOROSO LIMA — «*Pela Cristianização da Idade Nova*» — Rio de Janeiro, 1946. (Reedição em dois volumes, Teoria e Prática, dos «Elementos de A. C.», em que o grande escritor e católico brasileiro nos dá uma visão profunda da A. C.).

P. TIBERGHIEN — *L'Action Catholique «prècisions nouvelles»* — Paris, 1948. (De admirável apresentação gráfica, apresenta a A. C. a uma luz que faz reflectir).

J. S. GOYENECHEA — «*Lecciones Esquemáticas de Acción Católica*» — Vitória, 1945. (Curso do Seminário diocesano de Vitória).

A. ALONSO LOBO — «*Qué es y qué no es la Acción Católica*» — Madrid, 1950.

I. SABATER MARCH — «*Derecho constitucional de la Acción Católica*» — Barcelona, 1950.

D. ROBLEDA — «*La Acción Católica*» — Sal Terrae, Santander, 1951. (Estas três obras encaram a A. C. sobretudo sob os aspectos teológico e jurídico).

O Livro do Mês:

« O BARREDO »

— P.e Américo

Barredo — um nome que foi próprio e hoje é comum!

Onde a viela apertada em que o meio dia é crepúsculo; onde o quarto sem ar para a família inteira, ao lado de outras famílias da mesma sorte, nos vários andares daquele prédio-cidade, mais rendoso que o arranha-céus na melhor avenida; onde a toca à boca do esgoto que a enche nas cheias do rio; onde a multidão de barracas no arrabalde de qualquer cidade (quando não no seu seio...); onde a fome, a doença, a mulher que se vende por um pedaço de pão para os seus filhos, o homem que se desumaniza no desemprego e no vício — aí é Barredo.



É destas moradas que se fala neste livro. Destas moradas e seus moradores.

Não é um livro triste, posto seja um livro de chorar. Chorar os nossos pecados, a nossa incúria, o nosso egoísmo. Chorar porque «é necessário perder-se primeiramente a vida para depois *VIVER*» — e nós ainda não perdemos a vida. Chorar pelas «almas negras das vielas escuras», que nos não escutam porque falamos sem fome e não vestimos farrapos. Chorar por nós.

É um livro de penitência. Pretende que «eles, o turbilhão, o mundo que engana e que se engana», parem um momento, olhem a sua consciência e «deixem derreter pela graça os seus pecados, como a geada ao calor do sol».

Não é um livro triste! É um livro de conversão e de optimismo.

«Quem sabe se, mostrando estas dores, não poderemos dar melhores vistas e oferecer outras notícias num segundo volume — quem sabe? Um segundo volume de «O Barredo», mas outro Barredo, com fontes e pracetas, mirantes e jardins, gente limpa e bem disposta. Quem sabe se este meu verbo, no condicional, se não há-de tornar num futuro presente? Se os homens, cansados de novas e constantes experiências, não virão a regressar?

Nada repugna acreditar que os homens de bem se determinem a dar preferência a esta obra, dizendo baixinho para dentro de si mesmos que também eles, uma vez postos naquelas condições, haviam de gostar que outros lhes acudissem. Esta é mesmo a regra».

Sim. É a única regra que vale: o amor.

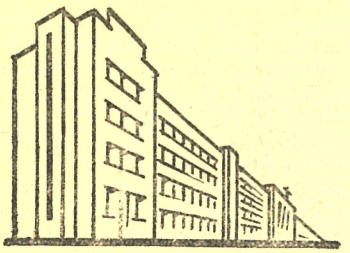
Barredo também foi a gruta de Belém. E lá nasceu a Salvação do mundo! De lá partiu a «Luz que ilumina todo o homem que vem a este mundo!»

Como foi essa Salvação? O que era essa Luz?

A única realidade que vale: o Amor.

CARLOS GALAMBA

«....Ela é cancerosa. Quando lhe perguntei se tinha muitas dores, ela responde com simplicidade que agora tem de cuidar da irmã. Isto é o Barredo! Esta é a palavra mais funda que hoje existe em Portugal. Aqui é terra de heróis, de santos e de mártires. Nós somos a vulgaridade».



CRÓNICA

Desde Janeiro que confiámos a impressão da nossa revista a uma nova Tipografia, o que não pôde deixar de reflectir-se na regularidade desta secção que, devido aos atrazos inevitáveis, se ressentiu consideràvelmente.

Forçado a escrever a meio de Dezembro a crónica para Janeiro, só em Fevereiro posso relatar os fins do ano.... Peço portanto desculpa se, preocupado em ser completo nas informações, sacrifico o aspecto oportunidade.

*
* *

Nós sabemos que o Natal é mais do que a fria comemoração histórica do aparecimento de Cristo.

O Homem-Deus que há perto de 2.000 anos foi dado pela Virgem Santíssima volta a nascer, em cada Natal, no coração dos homens bem dispostos. Só lhe dão condigno acolhimento os que, contemplando o Presépio, vivem a rezar o grande mistério da Incarnação.

Enriquecimento espiritual, renovação interior, eis os frutos verdadeiros dum Natal autêntico!

Foi isto que procurámos ter em conta no último 25 de Dezembro, que à semelhança dos anos anteriores passámos no Seminário. A bastantes foi exigida a presença na Sé Patriarcal para maior esplendor das cerimónias. Mas nem por isso pode afirmar-se que a separação nos desuniu. Realmente nessa noite bendita encontrámo-nos todos a entoar as cadências sinuosas e abruptas do Invitatório de Matinas e a melodia simples, a mais própria para descrever altos mistérios, do Introito: «Ego hodie genui te....»

Festa da Família

Na tarde de 25 reunimo-nos no salão de teatro para assistir a duas representações. A primeira era um auto de Natal nos moldes conhecidos que, não obstante, se vê nesta quadra com particular satisfação.

No que respeita à segunda peça o «cartaz» exibia os dizeres habituais: original do Rev.mo P. José Viçoso Freire que foi também orientador e responsável dos ensaios, encenação, guarda-roupa, etc., etc.... Sua Reverência habituou-nos já àquele género de teatro em que tudo, inclusive argumento, é simplicíssimo e que consegue verdadeiramente deleitar pela espontaneidade e verosimilhança da sequência. Este último trabalho intitulado «Uma noite de Natal» não foge à regra. Agradecidos, Sr. P. Viçoso!

E as festas continuaram apenas interrompidas pelo alvoroço das viagens para férias, para só terminarem nas nossas terras, no calor das nossas casas, onde vivemos os seguimentos do Natal: a Circuncisão, o Santíssimo Nome, a Epifania....

Pelas Catequeses



Prosseguimos na nossa faina de gravar bem fundo na alma das crianças, a sulcos que a vida não apague, a figura salvadora de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Como o Natal é ocasião preciosa que não podemos perder, por todo o lado os nossos catequistas organizaram a festa do Presépio.

Musgos e colinas, lagos com peixinhos, estrelas e flocos de neve, pratas e fios refulgentes e mil figurinhas de barro pintalgado.... Rodeamos a cabana destes pequeninos nadas que fazem o seu delírio....

Orientamos então os seus olhitos deslumbrados, para a figura central, o Menino Jesus, e é facílimo arrancar dos seus coraçõezinhos um pouco daquela ternura infantil em que vai tudo o que há de bom numa criança.

Ou não fôsse uma criancinha como elas, a que repoisa entre as palhinhas!....

Os Nossos Pobres

Se há alguém que entre com afoiteza no Presépio são os pobres. O espectáculo de pobreza e sofrimento que o próprio Deus lhes oferece convence-os de que a indigência em nada os diminui e saiem confortados.

Foi este o convite que fizemos aos pobrezinhos que nos rodeiam a quem também, seguindo a regra vicentina, procurámos mitigar as dores das privações materiais. Caridade n o s s a? Sim, mas também é direito deles receber dos que têm sobras. Do nosso pouco ainda conseguimos tirar a módica quantia de 1.600 escudos que distribuimos pelos mais necessitados.

Cumpre-me a i n d a noticiar que há poucos dias demos a última esmola, por certo a de maior valor, a uma das nossas pobres. De facto, rezámos uma missa por alma de Maria Eugénia Martins, falecida, pedindo a Deus que a pobreza da terra lhe tivesse valido a riqueza do Céu.

Pela mão do Pastor

Sua Eminência voltou a falar-nos. Desta vez descreveu-nos as terras longínquas que visitou na recente viagem a Goa, confiando-nos as reflexões que ocuparam o seu espírito durante essa jornada maravilhosa.

Sobrevoou o muçulmano n o r t e de África, esse «mundo fechado» ao cristianismo que conheceu outrora brilhantes cristandades.... No apurar das responsabilidades a Civilização Europeia chamada cristã (?) está longe de poder considerar-se ilibada.

As Pirâmides do Egipto esses «monumentos erguidos à vaidade humana» nada mais despertam, hoje, que a curiosidade.... Por ali passou ignorada a Família Santa.... «história apagada de consequências imprevisíveis....» Que inesperado de consequências: Jesus.... ou Tut-ank-Amon....

Falou em seguida na bela e grandiosa estátua que se eleva na Acrópole, testemunho eloquente do inegável «milagre grego». A arte e cultura da Grécia atingiram é certo, por fenómeno històricamente inexplicável, alturas inacreditáveis, mas só o Cristianismo conheceu o homem e os seus mais sagrados direitos, só o cristianismo assegura a libertação dessas multidões de escravos à custa de quem se ergueram esses mundos sem amor.

Aludindo ao estado incorrupto do corpo de S. Francisco Xavier: «testemunho permanente da realidade cristã», Sua Eminência coroou deste modo as suas considerações: «Como a santidade *é a maior coisa que existe na terra!»*

Na Academia

Numa sessão dos Filósofos, *em que foi evocado o talento omnímodo de Leonardo da Vinci, três académicos falaram sobre o grande florentino, cujo centenário de nascimento decorreu no ano findo.*

A sessão resultou agradabilíssima porque muito variada.

O Presidente Fernando Cristóvão notou ao encerrar os trabalhos, que Da Vinci, figura acabada de humanista, merece ser proposto como padrão e estímulo.

A. TAVARES

TRANSPORTES SIMÕES

Telefones { 5 4012 / 5 1594

José Simões

Transporte para qualquer parte do País

Rua Pascoal de Melo, 58—LISBOA

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

A firma:

JOÃO ALMEIDA SANTOS

da Covilhã

especializada em artigos próprios para o Exmº. Clero, lembra a V.ª Rev.ª a conveniencia em consultar os seus preços e qualidades.

Cafés
Chás
Farinhas
Cevadas
Chocolate
Cacau
Pudins
Flocos de Aveia

Ó melhor que se produz e se prepara, é o que vende

A Mariazinha

Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas

Lisboa

Rua Barros Queiroz, 28

Porto

Rua de Santo Ildefonso, 415

SOCIEDADE EDITORA

ALA ESQUERDA L.DA

Composição e impressão de Jornais, Livros e Revistas

Trabalhos Tipográficos em todos os géneros

Telefone. 268 – BEJA—Apartado 25

(Oficinas Gráficas da Diocese)

SOCIEDADE POLLUX, L.da

Grandes descontos para revenda

Quinquilharias, Bijouterias, Cutelarias, Brinquedos, Novidades Nacionais e Estrangeiras.

132, 1.º, Rua da Palma, 138

Tele. { fone: 22293 / 23668 / gramas Pollux — **LISBOA**

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação



Um esforço diário de
800
PORTUGUESES

SACOR
EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

MÁRMORES
E CANTARIAS
Pardal Monteiro, Limitada
(Casa fundada em 1888)
Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO
EM LISBOA:
Est. de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

CASA Fânzeres
Oficinas de Imagens, Pinturas, Douramentos, Altares, Tribunas, etc.
Restauros, Telas, Cetins e Estandartes
ARTIGOS DE METAL
Rua do Souto, 134 — BRAGA
Tel. 2704

Livraria e Papelaria Moderna
Machado & Ribeiro, L.da
Livraria Católica Portuense
LARGO DOS LOIOS, 50 — PORTO — TELEFONE, 2 5156
Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros
Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos
Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 14$50=Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 - História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00=Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 16$00=Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 16$00 Caminho da Perfeição por Santa Tereza de Jesus, 16$00—Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 15$00 Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00—Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00 Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00—Manual das Noviças, 16$00
Material Escolar
Peçam catálogos indicando o género de livros

Assinaturas pagas directamente

DE 1952

P.e Isaias da Rosa Pereira
P.e João Perestrelo Vasconcelos
P.e Domingos José da Costa Araújo
João Henrique Ulrich
D. Maria de Lourdes Almeida Pinheiro

DE 1953

Cón. Carlos de Azevedo
P.e Fernando Campos
P.e João Gomes Trindade
P.e Manuel Gonçalves
P.e Artur Sobral
P.e António Baltazar Faria
P.e Manuel Heitor
P.e Manuel Marques
P.e Manuel Alexandre Rocha
P.e Eleutério Caldeira
P.e Carlos Dantas
P.e Alexandre Siopa
P.e Manuel Rei Oliveira
Condessa da Azambuja
Condessa de S. Lourenço
Manuel Fróis Gil Ferrão
Dr. António Marino e Silva
Dr. José de Sales Luís
D. Lisette Borges do Rego
D. Matilde da Conceição Ferreira
D. Eulália da Conceição Rosa
Manuel Inácio Rodrigues
D. Maria Luísa Graça Van-Zeller
D. Isaura Rodrigues
Comendador José Augusto Reis Ferreira
P.e Afonso Vieira de Vasconcelos
P.e João Evangelista de Jesus Matos
D. Maria Amália de Carvalho Daun Lorena
D. Ana de Serpa Pimentel Osório
D. Noémia do Carmo Tavares Cardoso
D. Josefina Morales De Los Rios Froes
D. Ema de Seixas Palma
D. Elvira Martins Pereira de Carvalho
D. Maria Beatriz da Costa Trigo
Henri Moulinier
Nuno Cardoso

RECTIFICAÇÃO

O aumento do número de páginas de texto da nossa revista, foi de 24 para 28, e não para 38, conforme por uma gralha tipográfica, de que pedimos desculpa aos nossos leitores, foi tornado público no número anterior.

A ADMINISTRAÇÃO

TOSSE ?



HORAS CALMAS

COM

BENZO-DIACOL